



PERCY LAUREN

SERRARIA

QUEM já teve oportunidade de viajar pelos nossos estados sulinos, especialmente através do Paraná e de Santa Catarina, certamente observou o importante papel que as serrarias representam na vida local. Embora existam áreas florestais em várias outras regiões do Brasil é no sul que vamos encontrar maior desenvolvimento da indústria madeireira, graças à presença das matas de araucária que, pelo seu caráter mais uniforme, permitem uma exploração regular de seus elementos.

A proximidade de uma serraria é desde logo denunciada por uma sensível melhoria das condições da estrada de rodagem. A fim de poderem fazer circular os grandes caminhões que executam o transporte, seja dos toros para a serraria, seja da madeira destinada à venda, são as firmas concessionárias obrigadas a manter em bom estado as estradas.

Outro fato também, pela constância com que se repete, serve de indício ao viajante da próxima chegada a uma serraria: é a presença, a intervalos, de um lado ou de outro da estrada, de grossos toros que, arrumados perpendicularmente sobre paus roliços, aguardam o transporte que dali os levará a fim de serem industrializados.

Finalmente, numa clareira, lá está a serraria, sendo o conjunto um dos aspectos bastante típicos das regiões florestais do sul do país. O prédio constitui o motivo central: uma construção alongada, de paredes de madeira, sendo recoberta por "tabuinhas" ou, algumas vezes, por telhas. O número de portas e janelas varia naturalmente com o tamanho da construção. Um elemento porém é encontrado em toda serraria: é a presença de duas grandes e largas portas, providas de rampas, fazendo-se por uma a entrada dos toros e por outra a saída das tábuas que, já serradas, vão ser empilhadas e arrumadas para o transporte. A colocação dessas aberturas varia de acordo, certamente, com a posição da maquinaria no interior do prédio. Na que foi representada no desenho, ambas se acham colocadas na face mais larga da construção: freqüentemente encontramos também a entrada de toros localizada na parte lateral mais estreita e a saída das pranchas na extremidade oposta da parede mais longa.

Em volta do prédio, e próximos ao mesmo, acham-se espalhados desordenadamente pelo terreno, os toros que foram descarregados. Grandes pilhas também aí são vistas, essas porém cuidadosamente feitas com as tábuas já serradas. Servindo de fundo a todo esse conjunto, vê-se a "matéria prima", isto é a mata de modo geral e, no caso de serrarias de pinho, as belas formações de araucárias.

Distribuídas irregularmente pelas bordas da mata, encontram-se freqüentemente as pequenas habitações de madeira pertencentes aos trabalhadores da serraria.

Segundo o Instituto Nacional do Pinho "entende-se por serraria o estabelecimento industrial que possua maquinismo, com carro ou vagonete, para desdóbro de toros e, pelo menos, uma serra auxiliar para refilamento e uma destopadeira, destinadas a produzir madeira simplesmente serrada". As máquinas de desdóbro, que abrangem vários tipos de "serras" e de "quadros", devem ter acionamento mecânico.

São as serrarias classificadas, segundo as espécies florestais com que trabalham, em três grupos: 1) as de pinho, 2) de madeira de lei e de qualidade e 3) as mistas, sendo as mesmas agrupadas, dentro de cada classificação, segundo a capacidade prática de produção (média mensal de 25 dias de 8 horas de trabalho) em quatro categorias: 1) produção superior a 800 metros cúbicos; 2) produção entre 301 e 800 metros cúbicos; 3) produção entre 101 e 300 metros cúbicos e 4) produção igual ou inferior a 100 metros cúbicos.

Cumpre destacar que esses limites são estipulados pelo Instituto Nacional do Pinho que, além desse controle, também estabelece normas para a exploração florestal: sistema de corte, diâmetro mínimo das árvores a serem abatidas, quantidade das mesmas, etc., etc.

As serrarias podem produzir simplesmente madeira serrada, que é a resultante direta do desdóbro dos toros, ou madeira beneficiada, aquela que é obtida mediante operação industrial posterior à do mero desdóbro. Para o beneficiamento exclusivo de sua própria produção autorizada, muitas serrarias mantêm, anexas ao prédio principal, várias dependências destinadas a esse fim.

Grande é assim a atividade que se desenvolve tendo por centro a serraria. Os trabalhos têm início com o corte da madeira na mata, havendo homens que fazem a prévia seleção e a marcação dos exemplares a serem abatidos. Derrubadas as árvores, os "toreiros", homens que se ocupam com o corte, dividem os troncos em vários toros. No caso dos pinheiros são eles seccionados em 4 ou 5 toros de 3 a 5 metros, após se ter procedido ao seu descascamento. Esses toros são então arrastados por juntas de boi (os tratores ainda são pouco usados), até a beira das estradas onde ficam "estaleirados", à espera dos caminhões já que, cada vez mais, estes predominam sobre os carros de tração animal. Em alguns pontos esse arrastamento de toros é procedido até uma distância média de 200 metros de um lado e de outro da estrada. Nos caminhões seguem os toros até a serraria onde, então, vão ser desdobrados e transformados em pranchas, vigas, dormentes, postes, peças de tanoaria, etc., etc. Das serrarias, novamente em caminhões, é a madeira assim trabalhada levada para as estações ferroviárias, portos de embarque ou diretamente para os consumidores.

São aliás as serrarias classificadas ainda, de acordo com o destino que toma a sua produção: as que abastecem o mercado externo são as de exportação; de consumo local são designadas as que produzem para o próprio município onde se acham localizadas e de consumo próprio as que apenas suprem as necessidades de seu proprietário no local da produção e sem finalidade comercial.

Constituem assim as serrarias, com todas as suas dependências diretas, as casas dos trabalhadores, os pequenos "comércios" que por vezes se instalam nas proximidades, etc, centros de vida e de movimento que muitas vezes deram origem a povoados e vilas.

DORA AMARANTE ROMARIZ